

A ARTE DE GOVERNAR: A ESCRITA DE SI CONSTRUINDO SUBJETIVIDADES

Carmen Brunelli de MOURA
Departamento de Letras- UFRN

Resumo: Considerando que a produção de sentidos da escrita de si no processo de desenvolvimento profissional de professores aponta para certo modismo, ausência de singularidade, limitação de autoria, sentiu-se a necessidade de problematizar essa escrita, compreendida como um processo de constituição de subjetividades que ultrapassa as relações de poder/saber e aponta para uma relação ética. Desvinculada de uma função apenas confessional e salvadora, a escrita de si convida os sujeitos a uma experimentação de si a partir do movimento constante da linguagem e da relação com outros sujeitos. É nessa relação intersubjetiva que cert¹as tecnologias são produzidas para incitar os professores a transformarem a si, aos outros e a realidade na qual estão inseridos. Objetiva-se, portanto, inspirado nas idéias de Michel Foucault, discutir a materialidade lingüístico-discursiva da história de vida de uma aluna-professora em um curso de formação docente a fim de apreender os efeitos de sentido que constroem seus processos de subjetivação. Tal discussão aponta que há um infundável trabalho de transformação da aluna-professora por meio de inúmeros exercícios nos quais é possível perceber sua auto-subjetivação a partir de um governo de si mesma.

Palavras-chave: Escrita de si. Governo. Subjetivação. Desenvolvimento profissional.

Palavras iniciais

A partir da década de 90, denominada “Década da Educação”, em vista dos compromissos assumidos durante a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jontiem, Tailândia, a formação de professores¹, inicial ou continuada, passa a merecer uma relevância cada vez maior. De acordo com o documento, é preciso reconhecer o “papel especial” dos docentes na implementação de um discurso de educação básica de qualidade. A relevância da formação do professor é cristalizada em outros discursos oficiais como na Declaração de Cochabamba, realizada em 2001. Esse evento, que reuniu Ministros da Educação da América Latina e do Caribe, tinha como prioridade o desenvolvimento profissional contínuo, uma vez que o professorado é responsável pela aprendizagem de qualidade, implantação de novos projetos e ensino de tecnologias de informação e comunicação.

Para que essas medidas sejam colocadas em prática, é necessário repensar o desenvolvimento profissional dos professores. Assim, as instituições formadoras são convocadas para a introdução dessas transformações. Mas, antes, elas precisam equipar

¹ Embora não se desconheça os trabalhos relevantes dos Estudos de Gênero, neste trabalho será utilizada a expressão professor/es em referência às subjetividades constituídas na formação docente.

os docentes com habilidades de autodesenvolvimento reflexivo, que “sirvam de suporte ao conjunto de decisões que são chamados a tomar no dia-a-dia, no interior da sala de aula e no contexto da organização escolar” (NÓVOA, 2002:37). É nessa época, então, que se desenvolvem trabalhos esboçados no paradigma do *professor reflexivo* (SCHÖN, 1995, PERRENOUD, 2002) e na emergência do *conhecimento do eu* (ALARCÃO, 1996), que se dá por meio de um trabalho do professor sobre sua história de vida, suas crenças, sua profissão, campos de conhecimentos.

Um dos caminhos para realizar um trabalho pessoal é a produção de memoriais acadêmicos, constituído como um exercício de *escrita de si* (FOUCAULT, 2004b), nos quais os alunos-professores relatam suas vivências e experiências e organizam relações consigo mesmos e com os outros sujeitos. Eles escolhem, entre tantas narrativas, aquelas que tornam mais inteligível a multiplicidade de eus que são inscritas e talhadas por vários agenciamentos, compreendidos como *invenção* (DELEUZE; GUATTARI, 1997), pois envolve linguagens e possibilidades de um outro *devenir*. Além disso, os memoriais deixam marcas no *êthos* do sujeito-docente, pois a escrita de si tem uma função *etopoiética*, ou seja, é operadora de uma transformação no sujeito.

As reflexões a seguir foram construídas a partir de um memorial acadêmico, produzido por uma aluna-professora – Madalena - no último período de um curso de formação de professores, em uma instituição particular, sediada na cidade de Natal/RN e se constitui em um recorte de uma pesquisa mais abrangente. Propõe-se, inicialmente, ultrapassar os dois primeiros domínios de Foucault (saber/poder) e chegar ao terceiro (ética – relação do ser-consigo, governo de si). E, discutir a materialidade lingüístico-discursiva do memorial a fim de apreender os efeitos de sentido que constroem os processos de subjetivação a aluna em seu processo de desenvolvimento, demonstrando como ela reflete sobre si, transforma-se e rompe com certos saberes e poderes.

A história de Madalena

A discussão a ser empreendida em relação à escrita de si dá-se de modo articulado à análise do memorial acadêmico produzido por Madalena, aluna do curso de formação de professores e professora de uma escola dominical. Madalena nasceu em 1963 e até os 20 anos viveu entre em Portugal e a Guiné Bissau. Com 17 anos, na cidade de Lisboa, conhece um rapaz brasileiro em um congresso da Igreja Assembléia de Deus, e passam a namorar. Um ano depois ficam noivos e o rapaz retorna ao Brasil. Com 21 anos, Madalena vem para o Brasil, casa-se e passa a viver em Natal/RN. Filha de uma família humilde, Madalena precisou trabalhar desde os 17 anos e, como muitos, abandona os estudos. Ainda em Portugal, começa a trabalhar na Escola Bíblica Dominical, auxiliando a professora titular que, depois de um tempo precisa ausentar-se e cede seu lugar a Madalena que, diante daquele desafio, descobre o desejo de ser uma professora. No Brasil, volta a estudar para terminar os estudos, mas continua trabalhando na escola dominical, agora como coordenadora. Aos 36 anos, recebe convite para ingressar em uma Organização Não Governamental – ONG, mantida por uma entidade evangélica que administra projetos educativos de alfabetização e, para

aperfeiçoar sua prática docente, decide procurar um curso superior, realizado juntamente com o trabalho na ONG e com cursos de aperfeiçoamento no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI.

A necessidade de compreender a escrita de Madalena em seu memorial acadêmico se deve ao fato de que é possível perceber novos processos de subjetivação que resistem a relações de poder ao impor certas formas aos sujeitos. Esses processos são construídos ao longo da vida por meio de técnicas que vêm incitar os sujeitos a criarem novos modos de vida, o governo de si, implicando liberdade, autonomia, reflexão sobre si e o mundo; é singularização, ou seja, é a condução dos próprios modos de subjetivação. Para que a escrita se configure em um espaço onde se inventam outras possibilidades de vida, exercícios de liberdade, é preciso deixar de lado as práticas nas quais o sujeito é constrangido a dizer a verdade sobre si, na dependência de um poder pastoral, que têm como único objetivo escutar e absolver o sujeito de seus pecados (FOUCAULT, 2003). O poder deixa sua matriz de soberania, assujeitamento e passa a promover novas relações de poder como *jogos estratégicos* em que se pode “promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos” (FOUCAULT, 1995:239) e, portanto, passar às práticas de *governamentalidade* de si mesmo e dos outros.

Nessa perspectiva, há uma ligação entre governo e *tecnologias de si*. A noção de governo é entendida a partir da *governamentalidade* que permite “fazer valer a liberdade do sujeito e a relação com os outros, ou seja, o que constitui a própria matéria da ética” (FOUCAULT, 2004c: 286) e *tecnologias de si* como uma experiência transformadora, na qual o sujeito se envolve consigo, fixando a si regras de conduta. (FOUCAULT, 1991, 2004a). Em vista desse amplo campo de governo, pode-se vislumbrar a possibilidade de se deixar de lado as relações de poder e operar um deslocamento para as *práticas de subjetivação* que se constituem em um “conjunto dos processos pelos quais o sujeito existe com seus diferentes problemas e obstáculos, e através de formas que estão longe de serem concluídas” (FOUCAULT, 2004d:262).

A Função etopoiética

A escrita como uma técnica de si não se constitui em novidade. Na Antiguidade, ela se organiza em um exercício diário, seja por meio de hypomnêmatas – livros contábeis, atas públicas, cadernos de anotações - seja por meio de cartas. Embora os relatos de si nesses gêneros tivessem objetivos diferentes, ambos eram utilizados como treinamento de si e tinham uma função *etopoiética*, definida por Plutarco, educador do período greco-romano, como um exercício de si, que transforma o sujeito e suas ações no mundo em que vive. Ainda na concepção de Plutarco, o que marca o caráter *etopoiético* refere-se, também, ao fato de saber distinguir entre os conhecimentos que favorecem as transformações daqueles que são tidos como inúteis, ou seja, que não possibilitam transformações substanciais no sujeito (FOUCAULT, 2004a).

Nos memoriais acadêmicos, a escrita de si não pode ser pensada apenas como resgate de fatos que foram vividos pelo sujeito, mas também aos acontecimentos vividos por tabela, conhecido por todos e, finalmente, ao espaço-tempo, que pode ser

fundado em fatos concretos como também projeção de outros acontecimentos que não têm uma ligação direta com a memória do sujeito. Outro domínio da escrita de si é se constituir em uma experiência transformadora. Nessa experiência o sujeito se envolve consigo, fixa a si regras de conduta e trata de governar a própria vida a fim de dar a ela a forma mais bela possível aos olhos dos outros, de si e de outras gerações para as quais servirá de modelo (FOUCAULT, 1991, 2004a). A escrita torna-se uma maneira de o sujeito relacionar-se consigo mesmo, de criar outro modo de vida.

Esse outro modo de vida refere-se aos processos de subjetivação que irão produzir subjetividades, que são construções “modeladas” a partir das relações sociais, tais como, família, escola, trabalho, que atravessam o sujeito e criam, de acordo com cada formação sócio-histórica, formas singulares como o “indivíduo disciplinado” na Modernidade. Na modernidade líquida, um sujeito flexível, cheio de incertezas, que precisa se adaptar às rápidas mudanças da sociedade que não se dão mais a “longo prazo”, mas a “curto prazo” (BAUMAN, 2001:169). É nessa instabilidade ou estabilidade que se refaz o tempo inteiro que se pode perceber na materialidade discursiva dos memoriais produzidos nos cursos de formação de professores e, particularmente, no de Madalena, a constituição de subjetividades distintas. O exercício da escrita de si torna-se um lugar onde emergem essas subjetividades e onde os futuros professores/as escrevem suas histórias, reivindicam seus espaços, repensam suas práticas, sentem-se vivos, criativos, diferentes, transformados, reconheçam o que é útil e o que não é para a sua constituição como sujeitos. Em razão dessa função *etopoiética*, a *escrita de si* é uma tecnologia que envolve um cuidado consigo e tem a participação do outro que indica certos equipamentos necessários a sua constituição. Um bom exemplo disso na vida de Madalena refere-se ao começo de sua carreira como professora da Escola Dominical.

Algumas vezes, as professoras de outras classes assistiam às minhas aulas da janela da sala e ao final da aula, solicitavam para ver meu material. Depois a coordenadora me elogiou dizendo que ficou encantada com a forma como eu envolvia as crianças na aula e com os recursos que eu utilizava para ensinar. Confesso que esses elogios me motivaram a aumentar meu entusiasmo para ensinar e cada vez dedicava mais tempo e procurava aprimorar-me no ensino cristão.

Como o sujeito não ocupa a mesma posição no emaranhado de enunciados, o discurso acima aponta para essas posições que reproduzem outros discursos como o educacional e o religioso, cujos efeitos de sentido visam marcar o lugar social de Madalena. Assim, a aluna materializa os discursos de verdade que sustentam e legitimam sua posição sujeito-professora pelo fato de seu discurso estar relacionado ao campo de saber educacional, apoiado em uma formação discursiva pedagógica que traz em seu discurso o fato de que todo professor deve *fazer diferente* em relação às metodologias utilizadas. Isso se confirma nas falas das professoras que solicitam seu material, na da coordenadora que elogia, nas das crianças que se envolvem. Esse *fazer diferente* é marcado na expressão esses elogios que parece resumir as transformações de Madalena e marcar a abertura de um outro caminho para “relações mais ricas, numerosas, diversas e flexíveis consigo mesma e com seu meio” (FOUCAULT, 2004e:128), garantindo-lhe uma autonomia em relação ao grupo ao qual pertence.

Ainda nesse fragmento, Madalena deixa clara a influência religiosa que recebeu desde a infância de sua família e do ambiente em que sempre desenvolveu seu trabalho. A aluna poderia ter enunciado *eu afirmo, eu asseguro*. No entanto, ela se reconhece no interior da formação discursiva religiosa ao utilizar a expressão *Confesso*. Tal posicionamento pode ser assim interpretado pelo fato de ela afirmar que é necessário continuar se aprimorando no ensino cristão e, ainda, por estar em um ambiente - escola dominical – cujas práticas discursivas mobilizam sentidos de pertencimento a tal grupo, que mantém a religiosidade como instância principal.

Essa relação intersubjetiva que é mobilizada na escrita de si de Madalena apresenta-se como suporte de construção dos sentidos de sua narrativa, pois está ancorada nas relações sociais, seja do eu com Deus seja do eu com os outros, uma vez que as subjetividades não se constituem sem a alteridade. De acordo com Ruiz (19--):

O modelo de subjetividade baseado no governo de si constrói sujeitos sociais que, enquanto tais, se liberam da sujeição imposta pelos mecanismos de poder que os sujeita ao governo *dos* outros; novos sujeitos que constituem uma nova identidade fundamentada no governo de si e uma nova relação de poder baseada no governo *com* os outros. (RUIZ, 19--, grifos do autor).

A alteridade promove a constituição de subjetividades com base em um governo de si mesmo e em uma luta constante do eu consigo mesmo, ou seja, “nada se pode fazer sem o outro (FOUCAULT, 2004a:482) e isso Madalena reconhece e aceita como aporte para sua constituição ao enunciar: *esses elogios me motivaram a aumentar meu entusiasmo para ensinar [...] e procurava aprimorar-me*. Logo, Madalena cuida de si (*aprimorar-me*), constitui-se a partir de sua relação com o outro (*as professoras de outras classes, a coordenadora, as crianças*) e equipa-se (*elogios, dedicava mais tempo*). Essa motivação de Madalena em *fazer diferente*, e alicerçada na relação com o outro, reafirma que a aluna empreende um *governo com os outros* e não um *governo dos outros* (RUIZ, 19--). Portanto, pensar a formação de professores/as a partir da escrita de si não deve ser entendida apenas como uma preocupação no âmbito de sua formação no curso, mas que ela se constitua em um exercício para toda a vida, estendendo-se para além da instituição formadora, chegando ao âmbito da sala de aula e da formação em serviço.

Assim, se a formação de professores, algumas vezes, é compreendida como um conjunto de práticas discursivas, arquitetadas nas instituições sob a forma de currículos, comportamentos, disciplinas, conhecimentos impostos; em outras, e esse deve ser o propósito da educação, deve-se voltar para a produção de subjetividades, ou seja, o professor deve sempre fazer alguma coisa de si mesmo/a, transformando-se por meio de saberes necessários ao seu trabalho futuro. Os processos de subjetivação ou modos de existência são as várias maneiras de se inventar subjetividades, segundo regras facultativas em uma luta contra “todas as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade” (FOUCAULT, 1995b:236).

A escrita, portanto, é uma *invenção* de práticas de subjetivação na qual o sujeito, ao se relacionar consigo mesmo, equipa-se de alguns discursos de verdade que o capacitam a uma compreensão, julgamento, reflexão, ou como um eu capaz de agir como sujeito de ação. De acordo com Foucault (2004a), não é possível nenhuma

habilidade profissional ou técnica sem exercícios. Para que haja transformação do sujeito nesse exercício de escrita, é necessário, após ler e ouvir o discurso do outro, que o sujeito os escreva a sua maneira. É um *ouvir dizer* que se traduz na incorporação dos conhecimentos adquiridos e utilizados não apenas como equipamento para os momentos difíceis da vida, mas também para ver até que ponto foi possível um aperfeiçoamento, uma mudança. É em relação a esse equipar-se com os discursos ouvidos e lidos, que se retorna mais uma vez à escrita de Madalena quando discorre sobre sua entrada no curso:

A partir daí, eu percebia claramente que estava aprisionada em uma caverna escura do desconhecimento, tido como senso comum, e o conhecimento veio a mim como uma luz adquirida junto à pedagogia que teve a missão de clarear o meu campo de visão (prática pedagógica). Passei então a perceber o mundo sob um novo prisma, uma nova ótica, bem mais científica.

Pode-se considerar que se está diante de uma posição-sujeito que se identifica com o discurso científico. Agora como aluna, recorta conhecimentos advindos de uma aula de Introdução à Filosofia que são imprescindíveis nos combates reais de sua vida. Esses conhecimentos ou discursos que o sujeito ouve ou lê não podem ser apresentados a ele de forma artificial, fingida, retórica e ser de qualquer um. É preciso que seja “um discurso tal que a subjetividade do discípulo possa dele apropriar-se” (FOUCAULT, 2004a:442) e dele apropriando-se, converta-o em um discurso seu a fim de alcançar sua meta, o próprio sujeito. Portanto, percebe-se que na materialidade discursiva os termos *aprimorada*, *caverna escura*, *desconhecimento* recuperam os sentidos de um passado no qual Madalena tinha a prática, uma vez que ela sempre atuou como professora, mas não tinha as teorias que alicerçassem essa prática. Ao resgatar a “Alegoria da caverna”², Madalena parece abandonar sua posição de aluna e tomar uma outra, a de “filósofo” que reflete sobre sua vida em uma época anterior a sua entrada no curso e vai tentando dar sentido as suas experiências. Em outro momento, ela traz para seu enunciado as expressões *luz*, *novo prisma*, *nova ótica* que apontam para o seu presente. Portanto, percebe-se que Madalena conseguiu equipar-se com o discurso de verdade que lhe foi exposto durante as aulas e com este discurso inventa um novo espaço de experiências, de possibilidades, no qual há criação e recriação de si mesma como sujeito.

Ao afirmar que a *luz adquirida [...] teve a missão de clarear o meu campo de visão*, pode-se imaginar que Madalena continua a se identificar com o discurso religioso, uma vez que a expressão *luz* poderia se referir ao divino, à salvação, à conversão a si, ao cuidado consigo. Em relação à expressão *missão*, há uma combinação entre a idéia de trabalho pedagógico e trabalho missionário, realizado junto à igreja evangélica a qual pertence, pois ela tanto atua como professora primária, alfabetizando seus alunos, quanto como aquela que prega a palavra divina. Aparentemente as duas posições ocupadas, a de professora e a de missionária, parecem antagonicas. No entanto, participam do mesmo processo de subjetivação o qual é construir outras subjetividades cujo objetivo principal, nessa relação intersubjetiva, é incitar o sujeito, por meio da escrita a tentar juntar as peças que teimam em não querer se encaixar nesse infinito quebra-cabeça que é a vida (BAUMAN, 2005). Nada é estável, tranqüilo, ordenado e,

em vista disso, as subjetividades não se constituem na ordem, no equilíbrio, mas no caos, nas desestabilizações próprias da contemporaneidade.

Algumas palavras para concluir

Foucault (2004b:156) afirma que escrever é um “‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” e isso significa que a escrita de si nos memoriais acadêmicos aponta para uma multiplicidade de subjetividades, que se constitui no exercício do narrar-se. Como o objetivo da escrita de si é fazer que o sujeito se volte para si, esta é uma imagem que deveria estar sempre presente nas instituições que formam professores, uma vez que a governamentalidade implica a relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a liberdade. E o filósofo completa afirmando que não vê mal nenhum em que alguém, que sabe mais, ensine o outro que sabe menos. O problema é não se deixar ser discípulo do outro.

É a partir desse pensamento, que a escrita de si na formação de professores deve ser pensada como uma tecnologia que aponta para a dimensão ética de uma prática de liberdade que implica em uma criação e invenção de outros modos de constituir-se a si mesmo, ou como diz Foucault (2004c:267): “A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade”. Com isso, entende-se que os cursos de formação de professores devem distanciar-se da postura de *governo dos outros*, que implica um caráter normalizador e de submissão dos sujeitos, e reafirmar uma outra, a de do governo de si e *governo com os outros*. A escrita de si deve ser vista como invenção para a consecução dos objetivos propostos pelos documentos oficiais nos cursos de formação se o objetivo das instituições for o de propiciar novas experiências do sujeito consigo mesmo e com outros sujeitos. A escrita de si implica viagem no sentido de experiência formativa ou como expõe Larrosa:

[...] a idéia de experiência formativa, essa idéia que implica um se voltar para si mesmo, uma relação interior com a matéria de estudo, contém, em alemão, a idéia de viagem. Experiência (Erfahrung) e, justamente, o que se passa numa viagem (Fahren), o que acontece numa viagem. E a experiência formativa seria, então, o que acontece numa viagem e que tem a suficiente força como para que alguém se volte para si mesmo, para que a viagem seja uma viagem interior. (LARROSA, 2006:64)

Essa compreensão da escrita de si na formação docente se confirma na materialidade discursiva analisada neste trabalho e é reafirmada nas considerações finais do memorial acadêmico de Madalena quando diz: *Sinto-me fortalecida e estimulada a prosseguir em busca de uma educação continuada, pois compreendo que devo estar em busca constante de novos conhecimentos*. Os sentidos produzidos apontam para o que se propõe como novos processos de subjetivação propiciados pela técnica da escrita, ou seja, a relação do sujeito consigo, que não consiste em um trabalho de identificação, mas de um infundável processo de construção de si, de cuidado consigo, de relação ética. A escrita, como exercício de si, precisa ser redescoberta como um dos caminhos

para a constituição de outros processos de subjetivação de alunos nos cursos de formação docente, uma vez que é imperativo que uns ensinem os outros a governarem-se, a criarem novas experiências para si a partir da linguagem e de sua relação com outros sujeitos.

Referências

ALARCÃO, Isabel. Ser professor reflexivo. In: ALARCÃO, Isabel [et al]. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. Tecnologías del yo. In: _____. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991. p.45-94.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H., RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **Historia da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. **Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 a.

_____. A escrita de si. In: _____. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p.144-62

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c. p.264-287.

_____. O retorno da moral. In: _____. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004d. p.252-263.

_____. Um sistema finito diante de um questionamento infinito. In: _____. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004e. p 126-143.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica 2006.

NÓVOA, António (org). **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RUIZ, Castor Bartolomé. **O herói e a vítima: os modos de subjetivação e as relações de poder. Uma releitura do canto IX da Odisséia**. Disponível em: <<http://www.humanas.unisinos.br/info/castor/index.htm>>. Acesso em: 12 out. 2006.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antonio (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995.

UNESCO. Declaração de Cochabamba. Educação para todos; cumprindo nossos compromissos coletivos, Cochabamba, 2001.

UNESCO. Declaração mundial sobre educação para todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien/Tailândia, 1990.

